



Revista Asia América Latina

ISSN 2524-9347

Grupo de Estudios sobre Asia y América Latina
Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe
Universidad de Buenos Aires



A ASSIMETRIA DAS RELAÇÕES ENTRE CHINA E ARGENTINA: RELAÇÃO SUL-SUL OU NORTE-SUL?

THE ASYMMETRY IN CHINA–ARGENTINA RELATIONS: SOUTH-SOUTH OR NORTH–SOUTH RELATIONSHIP?

Ana Clara de Moraes Elias 

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
anaclaraelias@gmail.com

Marcelo Pereira Fernandes 

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
mapfern@gmail.com

Manoela Dias Clemente 

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
manoelalgdc@gmail.com

RESUMO: Em meio ao avanço da sua economia, a China vem ocupando um espaço importante na economia global. Assim, o país tem sido utilizado como ponte para inserção internacional de outros países periféricos, como a Argentina, visando promover o crescimento de sua economia e evitar seu isolamento. Para a China manter seu ritmo de crescimento, faz-se necessário obter produtos primários. Com isso, entra-se em debate a natureza dessa relação, pois a China é considerada um país de eixo-Sul, pela OMC, porém mostra relações comerciais de características Norte-Sul com a Argentina e outros países da América Latina. Em suma, este trabalho visa debater a natureza das relações comerciais entre a China e a Argentina, analisando seus aspectos principais do comércio ao longo dos séculos XX e XXI.

PALAVRAS-CHAVE: China, Argentina, América Latina, Países Periféricos, Comércio Exterior.

ABSTRACT: China has been making significant strides in its economy and holding a significant position in the global economy. To encourage economic progress and prevent isolation, the nation has served as a bridge for the international integration of other periphery nations, including Argentina. China must import primary products to sustain its growth rate. This raises questions about the nature of the connection because, although China is regarded by the WTO as a Southern nation, it has

North-South trade ties with Argentina and other Latin American nations. In summary, this study aims to discuss the nature of the commercial relations between China and Argentina, analyzing the main aspects of trade over the course of the 20th and 21st centuries.

KEYWORDS: China, Argentina, Latin America, Peripheral countries, International Trade.

Introdução

Em meio ao notável crescimento da economia chinesa a partir da vitória da revolução e especialmente com as reformas econômicas do fim dos anos 1970, o país vem ocupando grande espaço na economia internacional. Dessa maneira, a China possui diversos planos de expansão econômica e aumento de sua zona de influência, a exemplo da Iniciativa do Cinturão e Rota (ICR), também conhecido como a Nova Rota da Seda. Além disso, é notável a tentativa de inserção chinesa na América Latina, visto que é interessante para o gigante asiático manter influência em regiões estratégicas e recorrer a uma diplomacia robusta, além de manter suas obras de infraestrutura em países periféricos.

A América Latina sofre influências em seu processo de integração regional, em especial, pela China, dado o plano de expansão chinês. A China se tornou um importante parceiro comercial da América Latina, além de fornecer empréstimos e financiamento para a região. Com o início dos anos 2000, a Argentina iniciou um notável processo de aproximação com a China, por meio da estratégia chinesa *Going Global*, e houve um fluxo significativo de investimento externo direto (IED) que viabilizou projetos de infraestrutura e desenvolvimento na região.

A China tornou-se um dos maiores financiadores de projetos de infraestrutura na América Latina, com foco nos setores de energia, dado que é um setor estratégico, e mineração. A Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana (IIRSA), criado no 2000, representa a preocupação com o déficit na infraestrutura da região. Desse modo, o objetivo da IIRSA concentrava-se na criação de obras de infraestrutura que interligam áreas comerciais da América do Sul e assim possibilitar a dinâmica de integração regional, visto que diminuiria os custos de transporte (Honório, 2017).

Outro ponto relevante está na questão cambial. O processo de internacionalização do renminbi através de diversos acordos de *swap* cambial ao redor do mundo demonstra a tentativa chinesa de reduzir sua dependência do dólar no sistema monetário internacional. Por consequência, a China tem sido utilizada como ponte para inserção internacional de outros países em desenvolvimento, como a Argentina. Nesse sentido, a integração econômica é muito importante para a esta inserir-se mundialmente, ao promover o crescimento de sua economia, como também evitar seu isolamento (Santos *et al.*, 2021).

No modelo centro-periferia, observa-se que a China pode ser considerada um país do centro, dado também sua estrutura produtiva focada na exportação de bens de alto valor agregado. Para o país asiático continuar a seu nível de crescimento e modernização, faz-se necessário obter produtos primários de países em desenvolvimento. A América Latina ocupa uma posição importante no mercado de *commodities* e tornou-se uma fornecedora deles para a China e, assim, o país virou o principal parceiro comercial de diversas nações do continente, dentre elas, a Argentina. Por sua vez, a China possui uma política de não interferência nos assuntos internos de cada país e ascensão pacífica, comportamentos que diferem de países imperialistas (Fernandes e Wegner, 2018). Ademais, o gigante asiático celebra, cooperativamente, diferentes iniciativas e cooperação com características de integração regional, como o Mercosul, NAFTA, Unasul e ALBA (Santos *et al.*, 2021).

O conceito de relação Sul-Sul está ligado a países em desenvolvimento, considerados países do Sul global, que podem estar subdivididos em uma coalizão internacional e cooperação internacional. A coalizão internacional é caracterizada pela união de grupos compostos países em desenvolvimento, visando harmonizar suas posições e colaborar em acordos multilaterais. Bem como a cooperação internacional pode ser realizada em diversos âmbitos, como o financeiro, tecnológico e científico, dessa maneira, há a transferência de recursos para colaborar no desenvolvimento desses países (Neto, 2014). Assim, esses países trabalham para reduzir sua dependência, alcançando também um maior nível de participação em atividades econômicas internacionais.

A relação Norte-Sul é definida por uma nação em desenvolvimento com uma já desenvolvida. Similar ao conceito centro-periferia, a relação desses países é pautada por uma diferença no valor agregado das suas atividades econômicas, além de uma diferença em sua posição internacional. Nesse caso, também há uma relação de dependência tecnológica dos países em desenvolvimento. A interferência de países Norte em assuntos internos dos países em desenvolvimento é uma das características ligadas ao imperialismo e resultado de uma das tendências da acumulação de capital.

Com isso, ainda em caráter exploratório, entra-se em debate a real natureza dessa relação comercial, uma vez que a China é considerada um país em desenvolvimento pela Organização Mundial do Comércio (OMC), porém evidencia relações comerciais de características centro-periferia com a Argentina e os demais países da América Latina. Em suma, faz-se necessário trazer o debate sobre a natureza das relações comerciais entre China e a Argentina à tona, analisando os aspectos principais do comércio entre esses países ao longo dos séculos XX e XXI.

O conceito centro-periferia no contexto das cadelas globais de valor

Uma das faces marcantes do desenvolvimentismo clássico, está ligada intimamente com os autores cepalinos, como Raúl Prébisch e Celso Furtado. Nesse momento, a grande questão era superar o subdesenvolvimento que possui origem institucional e estrutural (Furtado, 1976). Além disso, a CEPAL contribuiu fortemente para entender a dependência externa das nações latinoamericanas. O método histórico-estrutural ressalta a importância das estruturas econômicas, históricas e sociais da América Latina, a fim de proporcionar políticas econômicas adequadas a estes, de modo que leve ao desenvolvimento econômico.

A crítica de Prebisch (1986) à teoria das vantagens comparativas, também conhecida como teoria da «deterioração dos termos de intercâmbio», tornou-se um ponto importante para o pensamento cepalino. O economista argentino entendeu que países em desenvolvimento que se especializam na produção de matérias-primas e alimentos, teriam uma tendência à deterioração dos termos de intercâmbio. Essa deterioração significa que ao manter estável o volume de exportação, haveria uma diminuição da capacidade de importar ao longo do tempo.

Há várias hipóteses para isso ocorrer, uma delas diz respeito à distribuição de renda e a distribuição dos resultados do progresso técnico de diferentes países, responsável pela amplitude dos ciclos econômicos na periferia. Enquanto economias periféricas tem sua exportação pautada majoritariamente em produtos primários, é importante frisar que esses bens possuem uma baixa elasticidade da renda, ou seja, a quantidade demandada desses produtos não altera mesmo que haja oscilações de preço.

Logo, quando há uma alta nos preços das *commodities*, a receita das exportações desses países também aumenta consideravelmente. Isso pode levar o país a um crescimento econômico, todavia, o torna vulnerável às flutuações nos preços das *commodities*. Em momentos de forte expansão da economia mundial, haverá uma alta demanda por alimentos e outras *commodities*, e conseqüentemente uma alta nos preços a curto prazo, porém em tempos de crise mundial, esses países periféricos tendem a ficar mais abalados (Prebisch, 1986).

Todavia, os padrões de comércio sofreram mudanças a partir da Segunda Guerra Mundial, principalmente durante a década de 1980. Desse modo, surge o conceito das cadeias globais de valor (CGVs), que discute a fragmentação das cadeias produtivas das empresas. O fato é, embora a maior parte das empresas de alta tecnologia tem origem nos países centrais, elas preferem concentrar suas fábricas em países periféricos por questões de custos de transação em geral, como salário dos trabalhadores, se as leis daquele território facilitam a produção, tributos, entre outros (Cardoso e Reis, 2018).

A exclusividade no comércio de produtos primários ou de produtos de alto valor agregado não é mais suficiente para explicar a atual divisão centro-periferia, uma vez que os países centrais estão presentes nas duas modalidades.

Autores como Cattaneo *et al.* (2010) e Gereffi (2018) argumentam que a industrialização nacional se mantém sendo um fator importante; porém, para uma melhor análise da estrutura Norte-Sul, é crucial a compreensão do papel dos atores dentro das CGVs. Desta forma, Cardoso e Reis (2018) questionam quais tipos de industrialização são viáveis aos países do eixo Sul, e concluem que se trata da indústria de transformação e de alta produtividade. Além disso, as relações intra-indústrias também ganham importância nos países em desenvolvimento dentro do panorama das CGVs.

Sobre as características das economias em desenvolvimento e as desenvolvidas apresentadas nas novas concepções da estrutura Norte-Sul, a pesquisa de Cardoso e Reis (2018) apontam que os traços marcantes dos países em desenvolvimento nesse contexto seria a produção de bens menos sofisticados dentro da CGV. Se trata de bens de menor complexidade e maior grau de ubiquidade, enquanto os países mais desenvolvidos participam das CGVs fornecendo bens de maior sofisticação, de maior complexidade e menor grau de ubiquidade.

As CGVs tornam-se atrativas para países em desenvolvimento como uma via para inserção no comércio internacional. Contudo, o papel dos países periféricos está limitado a agregar pouco valor em determinada etapa das mercadorias, estando concentrada majoritariamente na captação das matérias-primas, produção de têxteis, entre outros. As etapas de desenvolvimento de tecnologias costumam trazer mais valor ao produto. O posicionamento das nações no comércio internacional frente às CGVs está intrínseco ao seu perfil produtivo e comercial (Zhang e Schimanski, 2014).

Conforme aos dados da Solução Comercial Integrada Mundial (Banco Mundial, 2024), podemos perceber que no Leste Asiático e Pacífico há um volume em dólares muito superior de importações de matérias-primas comparado ao número de exportações. Em virtude disso, devemos considerar que a China localiza-se nesta região e utiliza muito desses materiais para criação de produtos tecnológicos. Em contrapartida, na América Latina e no Caribe, podemos observar o cenário oposto, o volume em dólares é muito superior em exportações de matérias-primas, contrastando com o volume de importações.

A América Latina, por sua vez, por manter sua pauta exportadora focada na produção e exportação de matérias-primas, não ocupa um lugar onde há muito valor para agregar nas CGVs. A inserção América Latina nas CGVs não é favorável ao desenvolvimento econômico. Produtos como o lítio, por exemplo, são extraídos do continente para fabricação de baterias, porém a produção das baterias e outras tecnologias no continente não é tão forte quanto sua extração.

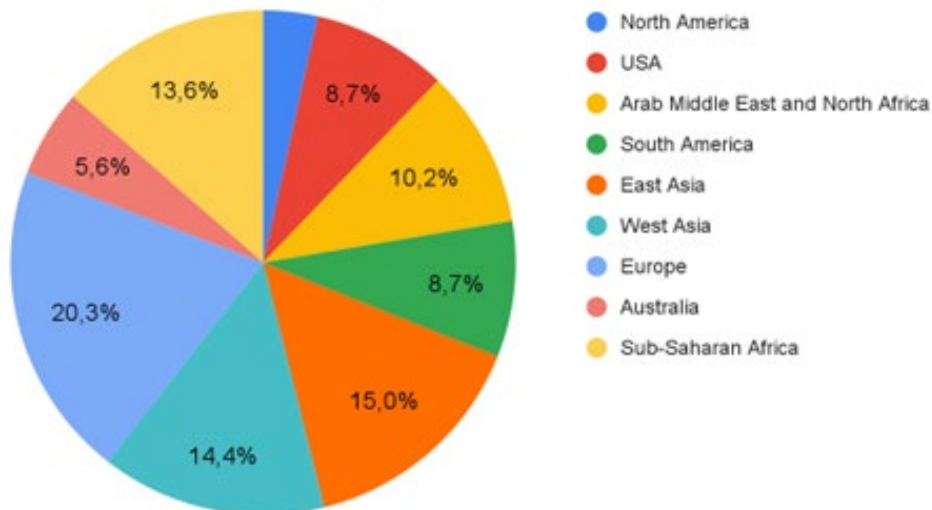
Para os países periféricos alcançarem o desenvolvimento no novo cenário da estrutura Norte-Sul, se adiciona mais um trajeto consoante ao processo de industrialização debatido nesta seção: a busca por benefícios dentro das CGVs (Cardoso e Reis, 2018; Cattaneo *et al.*, 2010; Gereffi, 2018), como a transferência de investimentos e de conhecimento e tecnologia (Cattaneo *et al.*, 2010). Desta

forma, é possível obter ganhos de produtividade derivados do aumento da escala de atuação e da redução dos custos provenientes das relações intraindústrias (Krugman *et al.*, 2001). No entanto, para desfrutar dos benefícios das novas relações da estrutura econômica internacional, é crucial que os países em desenvolvimento possuam gerenciamento eficiente sobre seus posicionamentos nas CGVs e na gestão dos benefícios adquiridos (Gereffi, 2018).

Relação dos IED chineses na Argentina: o foco na infraestrutura

A Argentina passou a desenvolver uma relação significativa com a China a partir dos anos 2000. Com a estratégia chinesa *Going Global*, foram fortalecidos os laços entre a China e a América Latina, e por meio do IED foram viabilizados projetos de infraestrutura e desenvolvimento da região. Além disso, o *Going Global* focou na internacionalização das empresas chinesas, expandindo seu mercado consumidor. Ademais, através desse plano a China busca investir em setores estratégicos em diversos países, de modo que ela garanta não apenas matéria-prima de alguns países, mas também manter um poder de influência.

Figura 1
Distribuição do IED chinês por regiões 2005-2022



Nota. Fonte: elaboração própria a partir dos dados em American Enterprise Institute (2023).

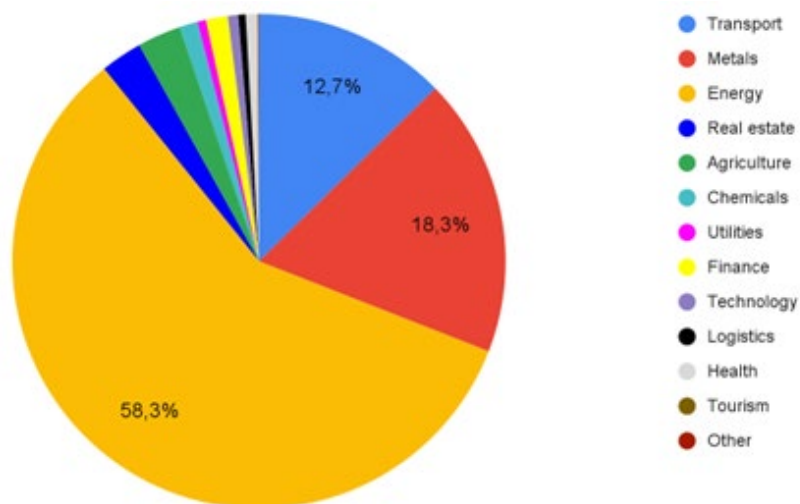
Visto isso, Chen e Ludeña (2014) ressaltam haver três caminhos para os IED: participando em contratos vinculados à participação de governos, adquirindo ativos, e participando de licitações. Aqui, pode-se fazer uma análise dos locais e setores onde a China mais realizou IED. Como pode-se constatar na figura 1, a América Latina está em sexto lugar, empatando com os Estados Unidos, em proporção de destinos do IED chinês. Além disso, é totalmente compreensível

que o destino primordial seja em áreas próximas à China, pois não apenas é uma região mais estratégica, como também se torna fundamental para o país manter boas relações com seus vizinhos e um poder de influência.

Na figura 2, pode-se perceber que o setor de energia sobressai em relação aos outros, e em segundo e terceiro lugar estão metais e transportes, respectivamente. O setor de energia é extremamente estratégico e vital para o desenvolvimento de um país, sendo ele mais bem expresso pelo petróleo e carvão. Além disso, para o setor energético são necessários muitos investimentos em setores intrínsecos para um bom aproveitamento, como os de metais e de transportes.

Figura 2

Distribuição do IED chinês na América do Sul 2005-2022

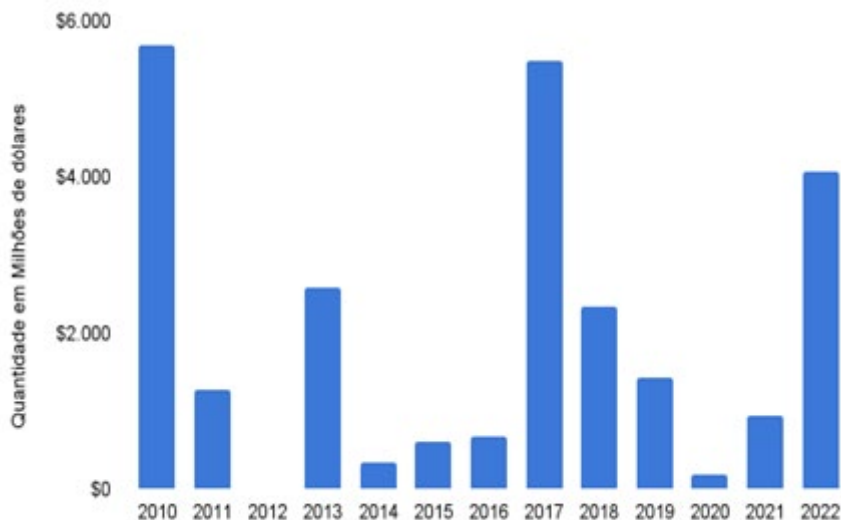


Nota. Fonte: Elaboração própria a partir dos dados em American Enterprise Institute, (2023).

Na busca por desenvolvimento, a América Latina encontrou na China um enorme parceiro. De fato, não apenas o país asiático possui uma política de não interferência nos assuntos internos, e conseqüentemente não possui uma postura imperialista, como também proporcionam uma relação de maior igualdade comparado aos Estados Unidos. O IED chinês na Argentina tem ligação direta com a ICR. Por meio disso, a China encontrou uma forma de participar e financiar diversos projetos de infraestrutura no país latino, possibilitando à China não apenas uma entrada em novos mercados, como também maior participação de setores estratégicos nesta região. Tendo em vista que a inclusão da Argentina na ICR foi muito recente, em fevereiro de 2022, pode-se perceber que houve um salto significativo no IED na Argentina (figura 3). Também deve-se considerar que anteriormente houve a pandemia, e por isso os investimentos diminuiram no ano de 2020. O tipo de política externa de cada governo argentino também influencia nessas questões, cabendo uma análise mais profunda.

Gráfico 3

IED chinês na Argentina 2010-2022

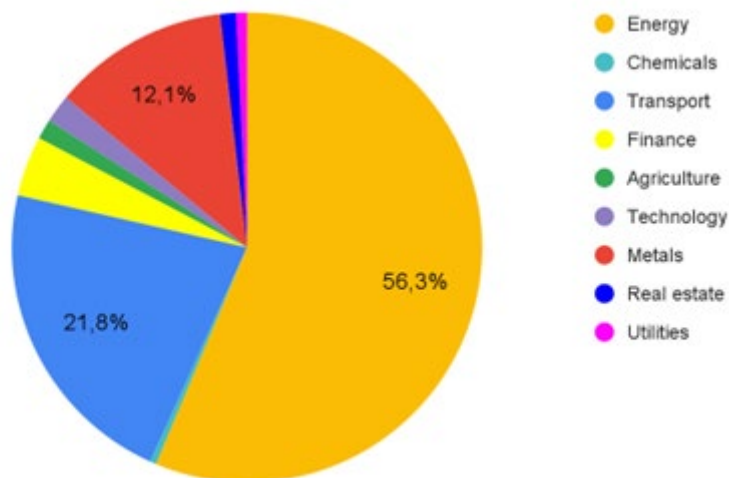


Nota. Fonte: elaboração própria a partir dos dados em American Enterprise Institute (2023).

A partir da figura 4, podemos concluir que o setor da Argentina que recebe maior atenção pelos chineses é o de energia. Este abre portas para influência no desenvolvimento econômico daquela região, além de proporcionar uma posição estratégica, dado que boa parte dos setores de produção estão ligados ao de energia.

Figura 4

Distribuição setorial de IED chinês na Argentina 2010-2022



Nota. Fonte: elaboração própria a partir dos dados em *American Enterprise Institute* (2023).

Comércio internacional entre China e Argentina

Asia
América
Latina

52

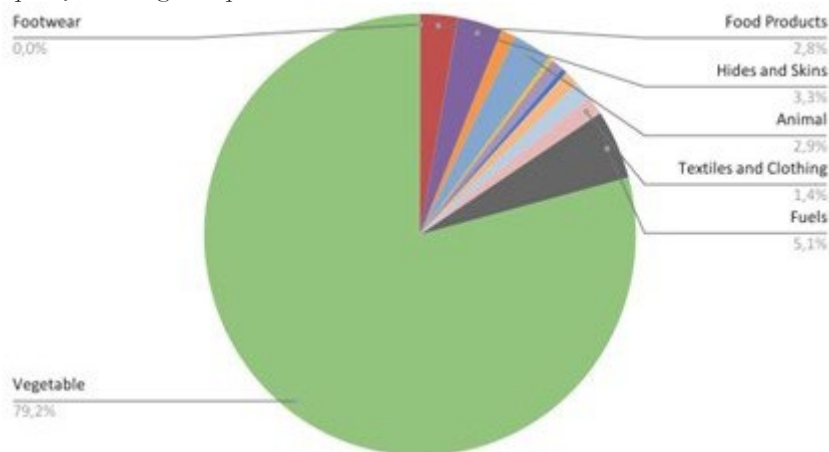
À medida que a China se projetou no comércio internacional como a segunda maior potência econômica, houve um crescente número de parcerias comerciais importantíssimas com a China, principalmente da América Latina. Segundo dados de The Observatory of Economic Complexity (2024), a Argentina possui boa parte de suas exportações em produtos primários, sendo os principais produtos soja e milho. O Brasil ocupa o primeiro lugar dos demandantes de produtos argentinos, seguido da China, que ocupa o segundo lugar.

A partir dos anos 1970, houve um fortalecimento da reprimarização da economia da Argentina e conseqüentemente um abandono de políticas voltadas à industrialização. Em contraste, a China percorreu caminho distinto, deixando a Argentina em posição de desvantagem por não conseguir se inserir favoravelmente nas CGVs, principalmente devido às políticas internas adotadas pelos Governos argentinos desde o começo dos anos 1990. Entretanto, as obras de infraestrutura realizadas por meio do IED pela China contribuem para a Argentina romper com o subdesenvolvimento e avançar seu nível de industrialização.

Como demonstra a figura 5, a China compra majoritariamente produtos agrícolas advindos da Argentina. Esses produtos são considerados bens de baixo valor agregado. Não há complexidade na produção e por isso, não há um bom nível de industrialização que possibilite a Argentina a venda de produtos de alto valor agregado. Por conta dos acordos de *swap* cambial, a Argentina paga suas importações com a China em yuan, substituindo o uso do dólar.

Figura 5

Exportações da Argentina para a China 2011-2021



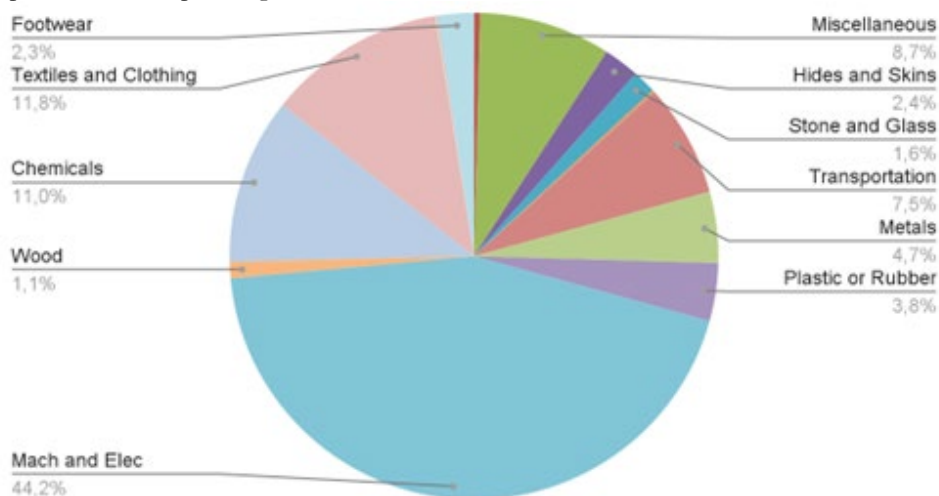
Nota. Fonte: Elaboração própria a partir dos dados em Banco Mundial (2024).

Comparando as figuras 5 e 6, podemos ver uma discrepância na pauta exportadora de ambos. Em total diferença com a Argentina, a China posiciona-

se no comércio internacional como um país manufatureiro, de maneira que há um deslocamento das vendas de *commodities* advindos de países subdesenvolvidos. Devido à ascensão chinesa, a Europa e Estados Unidos não são mais as primeiras opções de parceria dos países latinos. Através da política externa da China, que resultara em profundas mudanças em seu padrão de especialização, foi fundamental para torná-la um importante fornecedora de bens de capital, além de ocupar 10% das exportações de insumos industriais do mundo (Beckerman *et al.*, 2013).

Figura 6

Exportação da China para Argentina 2011-201



Nota. Fonte: elaboração própria a partir dos dados em Banco Mundial (2024).

Considerações finais

Este artigo se debruçou sobre as ambiguidades presentes nas relações econômicas entre China e Argentina, emergindo um panorama complexo quanto à natureza dessa interação. O debate acerca da classificação da China como um país integrante do eixo Norte, ou, por outro lado, como um participante-chave no contexto Sul-Sul, revela-se como um ponto central de divergência nas discussões econômicas contemporâneas. Os argumentos apresentados ao longo deste trabalho evidenciam que as relações comerciais entre China e Argentina não podem ser facilmente enquadradas em uma dicotomia simplista.

Ainda, o dinamismo da China nas relações comerciais manifesta-se na sua capacidade única de articular sua posição e modalidade de cooperação tanto no contexto do eixo Norte-Sul quanto no contexto Sul-Sul. A flexibilidade demonstrada pela China ao longo do tempo vem desde a política de *China de Portas Abertas* na década de 1970, onde foram estabelecidas relações com a Argentina e

outras nações latino-americanas sob a lente Norte-Sul. No entanto, é observado com o passar dos anos, a partir da implementação da política *Going Global* pela China, mudanças significativas que sugerem uma relação Sul-Sul.

Diante da observação de que a China tem adotado mecanismos econômicos sofisticados, alinhados às experiências de cooperação Sul-Sul, destaca-se a importância estratégica para a Argentina em tirar o melhor proveito dessa relação. Torna-se crucial que o país sul-americano saiba explorar plenamente os benefícios proporcionados por essa parceria, gerenciando habilmente os ganhos para fortalecer seu posicionamento nas CGVs.

Referências bibliográficas

- AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. (2023). *The China Global Investment Tracker*.
<https://www.aei.org/china-global-investment-tracker/>
- BECKERMAN, M., MONCAUT, N. C. E DULCICH, F. M. (2013). Transformações recentes da economia chinesa: Impacto sobre suas relações comerciais com a América Latina. *Tempo do Mundo*, 5, 6-43.
https://portantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/rtm/140903_rtmv5_n1_port_cap1.pdf
- BANCO MUNDIAL. (2024). *Solução Comercial Integrada Mundial*.
<https://wits.worldbank.org/default.aspx?lang=es>
- CARDOSO, F. G. E REIS, C. F. D. B. (1 de dezembro de 2018). Centro e Periferia nas cadeias globais de valor: Uma interpretação a partir dos pioneiros do desenvolvimento. *Revista de Economia Contemporânea*, 22(3), 1-32.
<https://revistas.ufrj.br/index.php/rec/article/view/22119>
- CATTANEO, O., STARITZ, C. E GEREFFI, G. (2010). *Global value chains in a postcrisis world: a development perspective*. World Bank Publications.
- CHEN, T. E LUDENA, M. P. (2014). Chinese foreign direct investment in Latin America and the Caribbean. *ECLAC – Production Development Series*, (195).
<https://hdl.handle.net/11362/35908>
- FERNANDES, M. P. E WEGNER, R. C. (2018). Expansão da China e Imperialismo - Uma breve elucidção. *Oikos*, 17(3), 31-41.
- FURTADO, C. (1968). *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. Biblioteca Universitária.
- GEREFFI, G. (2018). *Global Value Chains and Development: Redefining the Contours of 21st Century Capitalism*. Cambridge University Press.
- HONÓRIO, K. (10 de abril de 2017). IIRSA – Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sulamericana. *Observatório de Regionalismo*.
<http://observatorio.repri.org/glossary/iniciativa-para-a-integracao-da-infraestrutura-regional-sulamericana-iirsa/>
- KRUGMAN, P., MELITZ, M. J. E OBSTFELD, M. (2001). *Economía internacional*. Pearson Education.

- NETO, W. A. D. (2014). O lugar do Mercosul na estratégia de cooperação Sul-Sul do governo Lula (2003-2010) [Dissertação de Master]. Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília.
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15912/1/2014_WalterAntonioDesideraNeto.pdf
- PREBISCH, R. (1 de abril de 1986). Notas sobre el intercambio desde el punto de vista periférico. *Revista de la CEPAL*, 2-15.
<https://repositorio.cepal.org/items/b77b017f-7b99-4490-8a7d-e4d6dcb8ca1f>
- SANTOS, T., CAMOÇA, A. E SALGADO RODRIGUES, B. (2021). Relações econômicas entre a América Latina e Caribe e seus impactos na integração regional (2001-2016). *Revista Tempo Do Mundo*, (24), 107-134.
<https://doi.org/10.38116/rtm24art4>
- THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. (2024). Índice de Complexidade Econômica.
<https://oec.world/en/rankings/eci/hs6/hs96>
- ZHANG, L. E SCHIMANSKI, S. (2014). Cadeias Globais de Valor e os países em desenvolvimento. *Boletim de Economia e Política Internacional*, 18, 74-92.
<https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5322>



Grupo de Estudios sobre Asia y América Latina
Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe
Universidad de Buenos Aires